

## MISTÉRIOS DO APÓSTOLO PAULO<sup>14</sup>

*Filipe Azevedo*

Bacharel e licenciado em História pela UERJ  
Orientado pelo Prof. Dr. Edgard Leite

### O Antigo Paradigma

Depois de Jesus Cristo, talvez seja Paulo a personalidade cristã que mais suscita debates, tanto dentro dos círculos cristãos quanto fora, nos meios laicos. Há quem diga que o apóstolo deva ser considerado o verdadeiro fundador do cristianismo, questão a qual o professor do Instituto Católico de Paris, Michel Quesnel, dedica um capítulo no seu livro “Paulo e as Origens do Cristianismo”. Trechos de suas epístolas são normalmente utilizados como poesia e até mesmo em canções, como é o caso da música “Monte Castelo” do grupo Legião Urbana.

Mas nem sempre Paulo gozou de tanta popularidade. Os Padres da Igreja do século II EC, por exemplo, sempre evitaram utilizar as idéias do apóstolo até o advento de Ireneu de Lyon. Durante muito tempo, acreditou-se que isto era devido a grupos “heréticos” dos primeiros séculos como os valentinianos e marcionitas utilizarem em larga medida os conceitos teológicos do homem de Tarso.

Mas esta opinião é em larga medida influenciada pelo conceito clássico de paulinismo, lançado em um artigo de F.C. Baur escrito em 1831, que acreditava que o apóstolo possuía um sistema teológico definido. Este antigo paradigma, no entanto, não resiste a uma análise mais profunda das epístolas paulinas, pois o que vemos nas mesmas é um Paulo multifacetado, cujas idéias mudam com o tempo, e cujas epístolas não

---

<sup>14</sup> Este artigo é uma adaptação do último capítulo da minha monografia “Este ilustre desconhecido – Paulo e a Gnose” apresentada na UERJ no segundo semestre de 2006 para a obtenção do grau de bacharel em História.

denotam uma preocupação com a construção de um sistema teológico, mas antes buscam responder a situações concretas que são a própria causa da existência das mesmas. Sem contar que a aparente falta de sistematização no pensamento de Paulo pode ser um reflexo de uma tática da sua própria pregação.

Esta última característica do apóstolo pode ser comprovada por uma conhecida passagem de 1 Cor 9 19-23:

*“Ainda que livre em relação a todos, fiz-me o servo de todos, a fim de ganhar o maior número possível. Para os judeus, fiz-me como judeu, a fim de ganhar os judeus. Para os que estão sujeitos à Lei, fiz-me como se estivesse sujeito à Lei – se bem que não esteja sujeito à Lei – , para ganhar aqueles que estão sujeitos à Lei. Para aqueles que vivem sem a Lei, fiz-me como se vivesse sem a Lei – ainda que não viva sem a Lei de Deus, pois estou sob a Lei de Cristo – , para ganhar aqueles que vivem sem a Lei. Para os fracos, fiz-me fraco, a fim de ganhar os fracos. Tornei-me tudo para todos, a fim de salvar alguns a todo custo. E isto tudo eu faço por causa do evangelho, para dele me tornar participante.”*

Embora tivesse sido comprovada a insuficiência do paulinismo, o conceito continuou a ser utilizado para designar desenvolvimentos doutrinários de determinados aspectos da teologia de Paulo realizados por autores tardios – o que incluía os autores deuteropaulinos<sup>15</sup> e os próprios valentinianos – com a exclusão dos Padres da Igreja do século II.

---

<sup>15</sup> Autores que assinavam seus escritos sob o nome do apóstolo Paulo, muitas vezes desenvolvendo temas e passagens contidos nas epístolas paulinas.

Com o tempo, todavia, também este aspecto do paulinismo foi questionado, por pesquisadores como Lindemann, por edemann, por exemplo,linos e os pro realizados por autores tardios estava lidando apenas com o aspecto teol que acreditava que o silêncio de autores proto-ortodoxos anteriores a Ireneu de Lyon em relação a Paulo, não era tão absoluto quanto se acreditava, ou então, não era devido à teologia do apóstolo ter sido utilizada por grupos “heréticos”, mas a outros fatores como gênero literário e os destinatários das epístolas.

Não obstante sua crítica, Lindemann continuou preso ao velho paradigma na medida em que estava lidando apenas com o aspecto teológico de Paulo. Não foi senão na década de 80 que esta visão tradicional começou a ser questionada em larga escala pelos historiadores do cristianismo.

### **A “Lenda” de Paulo e a prática da pseudo-epigrafia**

A questão da figura legendária de Paulo já fora entrevista por Lindemann, ao analisar a Primeira Carta de Clemente aos Coríntios, quando percebeu que embora não estivesse sendo discutido o aspecto teológico do pensamento de Paulo, o seu nome ainda carregava um grande peso nos debates eclesiológicos do final do século I E.C, sendo o homem de Tarso reconhecido tanto como pregador quanto como apóstolo.

Esta idéia foi da mesma forma anunciada por Hans-Martin Schenke em 1974, em um artigo intitulado “Das Weiterwirken des Paulus und die Pflege seines Erbes durch die Paulus-Schule”, no qual reparou que a imagem do apóstolo em Atos estava dissociada da sua atividade de escritor de epístolas. Isto não se devia a uma precaução deliberada por parte de Lucas, por causa do uso que grupos “heréticos” faziam das mesmas, mas antes porque, segundo Schenke, os “Atos dos Apóstolos” antecedem a época em que as epístolas de Paulo foram reunidas e consideradas como escritos canônicos. O que aconteceu, portanto, foi que a imagem que Lucas possuía de Paulo era a de um missionário heróico, não a de um autor de epístolas.

Portanto, os rumores que circulavam em torno do nome do apóstolo antecederiam até mesmo a reunião final de suas epístolas. Noção esta que foi finalmente reconhecida em Março de 1987 numa conferência que teve lugar na Southern Methodist University, nos Estados Unidos, e cujos trabalhos foram reunidos no volume *Paul and Legacies of Paul*, de 1990.

Recentemente, Michael Kaler, que é doutorando da *Faculté de Théologie et de Sciences Religieuses*, da *Université Laval* de Québec, escreveu um artigo no qual tentou aplicar estas novas perspectivas a respeito do paulinismo ao estudo dos textos de Nag Hammadi que lidam com a figura de Paulo. Como exemplo desta aplicação, citou o texto gnóstico conhecido como “Apocalipse de Paulo”, que aproveita o relato de 2 Cor 12 2-4 para recontá-lo de forma expandida e dentro do gênero literário da apocalíptica. Além do texto de coríntios, também é feita uma alusão a Ef 4,8, com a notória diferença que a figura de Jesus é substituída pela de Paulo.

O que Kaler, termina por concluir é que o autor do “Apocalipse de Paulo” utiliza material paulino, neste caso as passagens de Coríntios e Efésios, para construir uma determinada imagem de Paulo, que é a de um herói apocalíptico. No entanto, estão excluídas deste texto, qualquer reflexão teológica a respeito da passagem de Efésios ou mesmo um desenvolvimento da mesma.

O próprio fenômeno da pseudo-epigrafia, a meu ver, pode ser encarado dentro desta nova ótica do paulinismo, que privilegia as diferentes maneiras em que foi recebida a figura de Paulo. Sendo assim, já no século I E.C., no qual são escritas as epístolas deuteropaulinas, teríamos já um exemplo destas diferentes recepções da imagem do apóstolo. Aliás, isto fica claro quando reconhecemos que existe um Paulo das pastorais e um Paulo de Efésios. O primeiro, opositor de heresias e “falsos doutores”, o segundo, professor da revelação pneumática.

Obviamente, se alguém escrevia sob o nome do apóstolo era já um indício da importância que a sua figura começava a adquirir entre os círculos cristãos. Mas isto ocorria já em plena atividade do apóstolo, como podemos comprovar em 2 Cor 10,10: *“pois as cartas, dizem, são severas e enérgicas, mas ele, uma vez presente, é um homem fraco e a sua linguagem é desprezível”*. E também por esta passagem de Gal 1,23-24: *“Apenas ouviam dizer: quem outrora nos perseguia agora evangeliza a fé que antes devastava, e por minha causa glorificavam a Deus”*.

Ambas as epístolas não levam dúvida quanto à autoria e testemunham duas formas diferentes nas quais Paulo era encarado por seus contemporâneos: o missionário e o escritor de epístolas.

### **Colocando os pingos nos “is”**

É chegado o momento de reunir os resultados apresentados nos capítulos anteriores e tentarmos responder a grande questão desta monografia: Como foi possível Paulo de Tarso ter sido considerado ao mesmo tempo como o “gnóstico” e o “antignóstico” ?

Como vimos, nem todos os escritos atribuídos ao apóstolo são paulinos. De um total de 14 epístolas, 7 ainda são consideradas duvidosas. E todas estas, que nomeadamente são as pastorais, a Epístola aos Efésios, aos Colossenses e aos Hebreus, fizeram parte do arsenal tanto dos valentinianos quanto da proto-ortodoxia.

Levando isto em consideração e comprovada a inautenticidade das epístolas mencionadas, fica sem efeito a questão de o próprio apóstolo Paulo ter sido ou não gnóstico, pois os escritos que mais se aproximam desta “heresia” são deuteropaulinos. Da mesma maneira, afirmar que Paulo era um antignóstico não faz sentido pois está fora de dúvida que as pastorais são criações tardias, realizadas após a morte do tarsense.

Talvez seja por isso que se prezou tanto a discussão em torno da correspondência de Corinto como decisiva na resposta a esta questão. Pois se estava diante de material efetivamente paulino, mas que apresentava diversas passagens “embaraçosas” para uma mente ortodoxa, como o intervalo de 1 Cor 2,6 - 3,3.

Por este motivo, historiadores como Rudolf Bultmann procuraram explicar tal fato dizendo que quando Paulo fazia isto era com o propósito de conquistar a audiência para refutá-la, conservando os termos embora esvaziando-os de seu conteúdo original, como também já havia proposto Walter Schmitals. Esta tese possui a seu favor uma conhecida passagem da Primeira Epístola aos Coríntios, citada anteriormente mas que se reproduzida agora adquirirá um novo sentido ( 1 Cor 9 19-23 ):

*“Ainda que livre em relação a todos, fiz-me o servo de todos, a fim de ganhar o maior número possível. Para os judeus, fiz-me como judeu, a fim de ganhar os judeus. Para os que estão sujeitos à Lei, fiz-me como se estivesse sujeito à Lei – se bem que não esteja sujeito à Lei – , para ganhar aqueles que estão sujeitos à Lei. Para aqueles que vivem sem a Lei, fiz-me como se vivesse sem a Lei – ainda que não viva sem a Lei de Deus, pois estou sob a Lei de Cristo – , para ganhar aqueles que vivem sem a Lei. Para os fracos, fiz-me fraco, a fim de ganhar os fracos. Tornei-me tudo para todos, a fim de salvar alguns a todo custo. E isto tudo eu faço por causa do evangelho, para dele me tornar participante.”*

Porém, seria um anacronismo discutirmos o gnosticismo dos coríntios. Não apenas porque este termo só pode ser aplicado ao II E.C., mas igualmente por ter sido posto em cheque no livro de Michael Williams, Rethinking Gnosticism. Todavia, podemos sim

falarmos de gnose em Paulo, se por isso entendermos a definição do Congresso de Messina, que é: conhecimento dos mistérios divinos reservados a uma elite.

De fato, a existência de uma gnose ortodoxa, ou verdadeira, não é negada nem pelo bispo heresiólogo Ireneu de Lyon, que nomeou sua obra magna de “Desmascaramento e Refutação da Falsa Gnose”.

Mesmo no testemunho dos evangelhos, encontram-se indicações de ensinamentos secretos por parte de Jesus aos apóstolos, como podemos ver em Mc 4, 10-12; 33-34. Também há a ocorrência de menções a mistérios tanto em Paulo, quanto na tradição deuteropaulina. E cabe neste caso reproduzirmos duas passagens exemplares.

A primeira encontra-se na 1 Cor 3,1-2:

*“Quanto a mim, irmãos, não vos pude falar como a homens espirituais, mas tão-somente como a homens carnis, como a crianças em Cristo. Dei-vos a beber leite, não alimento sólido, pois não o podíeis suportar. Mas nem mesmo agora podeis (...)”*

A segunda passagem é Ef 3, 3-5:

*“Por uma revelação me foi dado a conhecer o mistério, como atrás vos expus sumariamente: lendo-me, podeis compreender a percepção que tenho do mistério de Cristo. Às gerações e aos homens do passado ele não foi dado a conhecer, como foi agora revelado aos seus santos apóstolos e profetas, no Espírito (...)”*

Sendo assim, não é estranho que os valentinianos clamassem estar de posse de uma tradição secreta transmitida a eles desde o apóstolo Paulo, que por sua vez a teria

recebido de Jesus. Em realidade, a última passagem transcrita acima é um forte argumento para esta tese. Se bem que não podemos descartar a hipótese de Paulo estar simplesmente querendo conquistar sua audiência, como faz crer 1 Cor 9, 19-23.

Além disso, a maneira pela qual se processou a conversão de Paulo, segundo o relato dos Atos dos Apóstolos, foi uma experiência carregada de misticismo que pode ter ajudado a conectar o apóstolo com o lado mais oculto do cristianismo. Sem falar que Paulo sempre procurou espiritualizar os eventos da história judaica, alegorizando-os como podemos comprovar em 1 Cor 10, 1-4:

*“Não quero que ignoreis, irmão, que os nossos pais estiveram todos sob a nuvem, todos atravessaram o mar e, na nuvem e no mar, todos foram batizados em Moisés. Todos comeram o mesmo alimento espiritual, e todos beberam a mesma bebida espiritual, pois bebiam de uma rocha espiritual, que os acompanhava, e essa rocha era Cristo.”*

Werner Jaeger em seu livro Cristianismo Primitivo e Paidéia Grega, assim como Etienne Gilson e Philoteus Boehner, reconheceu o fato da existência de uma gnose presente no pensamento dos alexandrinos Clemente e Orígenes. Porém, esta teria sido construída como uma alternativa ortodoxa aos sistemas gnósticos clássicos, como os de Valentino e Basíledes:

*“A forte ênfase dada à gnose em Clemente e Orígenes mostra que eles tiveram de prestar atenção a este novo poder que ameaçava tornar-se um perigoso rival do Cristianismo, a par do Maniqueísmo e do Mitraísmo. O que os Alexandrinos têm a oferecer sob a designação de gnose é, evidentemente, muito diferente dos sistemas de um Basíledes ou de um Valentino. Mas a gnose cristã de Clemente ou*

*Orígenes explica-se inequivocamente como uma tentativa de satisfazer os apetites gnósticos dos seus contemporâneos de uma maneira legítima. À gnose oriental e ao seu simbolismo grosseiro opõem a sua própria gnose, que deriva em larga escala da filosofia grega (...)" 16*

Todos estes fatos ligados ao esoterismo do cristianismo primitivo foram percebidos por autores como Annie Besant, que produziu um livro intitulado “O Cristianismo Esotérico”, e Charles Guignebert que em *El Cristianismo Antiguo*, de 1921, afirmou que Paulo possuía uma gnose sincretista que teria aberto o caminho para os grandes sistemas de Basílides e Valentino.

Tudo isto, dentro da nova perspectiva dos estudos sobre Paulo, pode ser visto como uma forma de recepção do apóstolo entre os círculos cristãos que mais tarde originariam o valentinianismo. Tais círculos optaram por utilizar as epístolas, chegando inclusive a desenvolver temas teológicos contidos nas mesmas, originando assim material deuteropaulino.

No entanto, nem sempre o nome de Paulo quando aparece em Nag Hammadi está associado a algum desenvolvimento teológico, como foi notado por Michael Kaler no caso do “Apocalipse de Paulo”. Portanto, qualquer generalização é imprudente e perigosa, e sempre devemos lembrar da dificuldade que é a utilização do termo gnosticismo para classificar o material encontrado no Alto Egito.

Sendo assim, o máximo que podemos concluir do que foi exposto até aqui é que os seguidores de Valentino encontraram nas epístolas de Paulo, tanto paulinas quanto deuteropaulinas, farto material para a elaboração de sua teologia. Com a ressalva que, de acordo com Elaine Pagels, a leitura “gnóstica” que eles faziam das paulinas baseava-se no

---

<sup>16</sup> JAEGER, Werner. *Cristianismo Primitivo e Paidéia Grega*. Lisboa: Edições 70, 1991. p. 77.

desenvolvimento posterior contido nas deuteropaulinas, o que descarta a alegação valentiniana de uma ligação direta entre eles e o apóstolo Paulo.

O que parece ter de fato havido com o valentinianismo, foi um desenvolvimento agudo da gnose paulina por meio da comunidade de Éfeso – que também produziu o Evangelho de João, e o material joanino para os discípulos de Valentino possuía uma importância até maior que o paulino. Esta é a teoria de Simone Pétrement, em seu livro *Separate God*, que propõe ter o gnosticismo sido um fenômeno interno ao cristianismo, não uma contaminação pagã.

Esta autora, inclusive, avança a hipótese de que o Mito de Sofia, tão característico do valentinianismo, foi criado a partir de Ef 3,8-12:

*“A mim, o menor de todos os santos, me foi dada esta graça de anunciar aos gentios a insondável riqueza de Cristo e de pôr em luz a dispensação do mistério oculto desde os séculos em Deus, criador de todas as coisas, para dar agora a conhecer aos Principados e às Autoridades nas regiões celestes, por meio da Igreja, a multiforme sabedoria de Deus, segundo o desígnio preestabelecido desde a eternidade e realizado em Cristo Jesus nosso Senhor, por quem ousamos chegar-nos a Deus confiantemente, pela fé.”*

A relação não é clara, mas parece que este trecho é mencionado pelo “Evangelho da Verdade”:

*“(…) das entranhas do pai eles (a totalidade) aprendam a conhecê-lo, e os éons não fiquem mais cansados de procurar pelo pai, possam repousar nele, e saber que ele é*

*repouso, pois ele supriu a falta e aniquilou o reino das aparências”.<sup>17</sup>*

O termo “séculos” que aparece em Efésios é o mesmo aquele que em grego (Éon) os valentinianos utilizavam para denominar os habitantes do pleroma, ou totalidade, se bem que em Paulo apareçam com um sentido diferente. Os principados e autoridades que abundam na literatura paulina, são os mesmos arcontes que figuram na literatura gnóstica clássica.

Resta apenas vermos como o bispo Ireneu de Lyon cita Paulo em “Contra as Heresias”. Antes de tudo, é mais do que provável que o bispo tenha se inspirado em 1 Tm 6, 20-21, para compor o título de sua obra: *“Timóteo, guarda o depósito, evita o palavreado vão e ímpio, e as contradições de uma falsa ciência (gnose)”*. Este trecho é explicitamente utilizado por Ireneu de Lyon para atacar os “gnósticos” no segundo livro de “Contra as Heresias”:

*“Estais, portanto, em contradição, chamando gnose ao desconhecimento da verdade e Paulo se expressa bem falando de ‘novidade de palavras’ e de ‘falsa sabedoria’. Verdadeiramente falsa, portanto, é a vossa gnose!”<sup>18</sup>*

A mesma epístola é utilizada pelo bispo para justificar a sua missão de refutar os hereges (1 Tm 2,4):

*“Devemos fazer isso, porque nos foi confiada esta tarefa e porque queremos que todos os homens cheguem ao conhecimento da verdade e ainda porque você mesmo nos*

---

<sup>17</sup> LAYTON, Bentley. *As Escrituras Gnósticas*. trad. Margarida Oliva, Edições Loyola, São Paulo, Brasil, 2002.

<sup>18</sup> IRINEU DE LYON. *Contra as Heresias*. trad. Lourenço Costa, Paulus, 1995. p. 165.

*pediu numerosas e possíveis provas para refutar estes heréticos”.<sup>19</sup>*

Não obstante, o bispo não cita apenas as pastorais, mas também apresenta as passagens paulinas utilizadas pelos “gnósticos”, como a controvertida passagem do segundo capítulo da Primeira Epístola aos Coríntios (1 Cor 2,10): *“Devemo-nos admirar bastante de como os que afirmam ter descoberto as profundezas de Deus não tenham procurado nos evangelhos quantas vezes (...)”*<sup>20</sup>

Por último, a idéia de que Ireneu de Lyon apropriou-se do Paulo das pastorais para transformá-lo em um opositor de “gnósticos” revela-se insuficiente, pois o bispo serviu-se também do oitavo (1 Cor 8,1) e do décimo terceiro capítulo da Primeira Epístola aos Coríntios (1 Cor 13, 9-12), onde são postos em comparação a caridade e o conhecimento (gnose):

*“E se alguém não chega a encontrar a explicação de tudo o que procura, lembre-se de que é homem, infinitamente inferior a Deus, que recebeu a graça de maneira limitada, que ainda não é semelhante nem igual a seu Autor e que não pode ter a experiência e o conhecimento de todas as coisas como Deus.”*<sup>21</sup>

*“É melhor e mais útil ser ignorante ou de pouca cultura e aproximar-se de Deus e aproximar-se de Deus pela caridade do que julgar-se sábio e experto e encontrar-se blasfemador contra o Senhor por ter inventado outro Deus e Pai. É por isso*

---

<sup>19</sup> IRINEU DE LYON. *Contra as Heresias*. trad. Lourenço Costa, Paulus, 1995. p. 171.

<sup>20</sup> IRINEU DE LYON. *Contra as Heresias*. trad. Lourenço Costa, Paulus, 1995. p. 193.

<sup>21</sup> IRINEU DE LYON. *Contra as Heresias*. trad. Lourenço Costa, Paulus, 1995. pp. 206-207.

*que Paulo gritou: 'A ciência infla, mas a caridade edifica!' Ele não condenava o conhecimento verdadeiro de Deus, porque se o tivesse feito seria o primeiro a se acusar, mas porque sabia que alguns, inflados de orgulho por causa da ciência (gnose) se afastariam do amor de Deus, julgar-se-iam perfeitos e o Criador imperfeito. É para lhes cortar o orgulho por esta pretensa ciência (gnose) que Paulo diz: A ciência infla, mas a caridade edifica (...)"*.<sup>22</sup>

Estes são apenas alguns exemplos, mas ao longo de “Contra as Heresias”, Ireneu sempre procura citar a Primeira Epístola aos Coríntios para exemplificar os ensinamentos dos grupos “gnósticos”<sup>23</sup>, ao mesmo tempo que utiliza outros trechos da mesma para refutá-los. Mas de uma forma geral, o bispo faz uso também do Primeiro Testamento<sup>24</sup> para embasar suas teses, e também como uma forma de mostrar a continuidade dos dois Testamentos – uma obra do bispo de Lyon –, o que talvez tenha sido uma maneira de contrapor aos marcionitas e outros grupos “gnósticos” radicais que rejeitavam o Deus do Primeiro Testamento.

Ao que parece, o bispo de Lyon estava também inaugurando uma nova forma de recepção da figura de Paulo. Desta vez a do apóstolo que combateu os “gnósticos” em Corinto. Esta foi a leitura realizada por historiadores como Bultmann e Schmitals, que de formas diferentes acabaram reproduzindo este discurso, que era o mesmo da igreja proto-ortodoxa dos primeiros séculos do cristianismo, e continua forte dentro Igreja Católica até os dias de hoje.

---

<sup>22</sup> IRINEU DE LYON. *Contra as Heresias*. trad. Lourenço Costa, Paulus, 1995. p. 207-208.

<sup>23</sup> Provavelmente valentinianos.

<sup>24</sup> Antigo Testamento.

O resultado foi que, o que era para ser considerado uma disputa teológica do século II E.C., acabou se transformando em uma batalha sobre a real identidade do apóstolo dos gentios e, mais ainda, sobre o verdadeiro caráter do cristianismo. Livros como o de Annie Besant<sup>25</sup> – “O Cristianismo Esotérico” – são o testemunho desta batalha que adentrou o século XX.

O discurso que vem sendo reproduzido desde então não é apenas o da “ortodoxia versus heresia”, mas também o da “Pureza versus Contaminação”, e até mesmo o do “Ocidente versus Oriente” – de acordo com o estudo realizado por Karen King em *What is Gnosticism ?* .

Esta assertiva fica claramente comprovada se reproduzirmos aqui um trecho do prefácio da tradução em português de “Contra as Heresias”:

*“Em boa hora este estudo de santo Ireneu é editado também em português, pois dá oportunidade a nossos teólogos e historiadores do pensamento e das religiões abrirem perspectivas científicas e teológicas para a análise de culturas e idéias religiosas contemporâneas. Ao estímulo deste Padre da Igreja – como também de outros autores (penso neste momento em santo Agostinho, com sua ‘Cidade de Deus’) –, é hora de aprofundamento sério e cristão sobre as hodiernas e crescentes questões de misticismo e esoterismo que vem ocupando inúmeros espaços vazios da cultura ocidental e religiosa, também a cristã.*

*Nos ambientes cristãos de hoje, muitos olhos estão demais fixados em seu umbigo; a hegemonia cristã se*

---

<sup>25</sup> Que não surpreende ter sucedido Helena Blavatsky no comando da Sociedade Teosófica.

*pretende como resposta exaustiva e quer manter tal posição ante as novas formas de culturas gnósticas, mediúnicas e espiritualistas. Diante de questões de seu tempo, Ireneu fez a apologia da fé cristã com os melhores objetivos. Os tempos mudaram e hoje são os cristãos intelectuais e pastores convidados a – com novos métodos e novo ardor – entrar em diálogo com as religiões e com o mundo, para conhecer seu cunho e fazer transluzir aí, de modo claro e límpido, coerente e simples, a verdade de Deus, através de seu Cristo e de sua Sabedoria, em que, garantindo a grandeza do homem, se possa evidenciar o plano salvador, de modo a beneficiar todos os homens na grandeza maior que a Igreja de Jesus pode e deve apresentar.”<sup>26</sup>*

### **Conclusão:**

Se ao estudarmos os movimentos “gnósticos” desconhecermos todas as implicações e discursos que subjazem à nossa atividade, estaremos sempre incorrendo em uma discussão infrutífera, pois o que fica de tudo isto é a conclusão de que ao lidarmos com nomes como Paulo e Jesus – no caso dos estudos sobre o Jesus Histórico – estaremos invariavelmente lidando com a forma como os mesmos eram vistos. Mesmo que no caso de Paulo, ele tenha produzido escritos de sua autoria, isto não exclui o fato de que alguém sempre escreve o que quer permitir que os outros saibam a respeito de si próprio.

Mas o fato é que, para o bem ou para o mal, a lenda de Paulo continua até hoje, chegando até mesmo ao ponto dele ser considerado o verdadeiro criador do cristianismo, e a existência de um Paulo “gnóstico” e de um “antignóstico”, no século II E.C. servem apenas para comprovar esta teoria. E não vejo nenhum problema em se aceitar a idéia de

---

<sup>26</sup> IRINEU DE LYON. *Contra as Heresias*. trad. Lourenço Costa, Paulus, 1995. p. 26.

um Paulo valentiniano – como seria mais adequado. Pois afinal, aceita-se uma construção em detrimento de outra, quando ambas são criações, não fatos.

Para concluir, gostaria de deixar registrado que o título desta monografia resume em si a conclusão da mesma: Paulo sempre será um ilustre desconhecido. E não deveríamos temer esta incapacidade de defini-lo. Incapacidade, aliás, que pode ser estendida a qualquer ato que envolva leitura, pois alguém já disse que “ler é interpretar”. E em linhas como as que Paulo de Tarso nos legou, é irresistível não nos deixarmos levar pelo seu turbilhão de sentidos e pela história da sua dramática conversão – a caminho de Damasco...

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BESANT, Annie. O Cristianismo Esotérico. São Paulo: Editora Pensamento.
- BÍBLIA DE JERUSALÉM. Novo Testamento. São Paulo: Paulus, 2004.
- DROBNER, Hubertus R. Manual de Patrologia. Petrópolis: Editora Vozes, 2003.
- GUIGNEBERT, CH. El Cristianismo Antiguo. Mexico: Fondo de Cultura Economica, 1997.
- HOELLER, Stephen A. Gnosticismo: Uma Nova Interpretação da Tradição Oculta para os Tempos Modernos. Rio de Janeiro: Nova Era, 2005.
- IRENEU de Lião. Contra as Heresias. São Paulo: Paulus, 1995.
- JAEGER, Werner. Cristianismo Primitivo e Paidéia Grega. Lisboa: Edições 70, 1991.
- KALER, Michael. Artigo que propõe a aplicação da nova perspectiva do paulinismo, inaugurada por Hans-Martin Schenke, aos textos de Nag Hammadi. Enviado para o autor através de correio eletrônico em [2004?].
- KING, Karen L. What is Gnosticism ? Massachusetts: Belknap Press, 2003.
- LAYTON, Bentley. As Escrituras Gnósticas. São Paulo: Edições Loyola, 2002.
- PAGELS, Elaine. The Gnostic Paul. Harrisburg: Trinity Press International, 1992.
- PAINCHAUD, Louis. Os Textos de Nag Hammadi. Palestra proferida na Universidade Metodista de São Paulo, em 28 de Outubro de 2003.
- PÉTREMENT, Simone. A Separate God: The Origins and Teachings of Gnosticism. New York: HarperCollins Publishers, 1990.
- QUESNEL, Michel. Paulo e as Origens do Cristianismo. São Paulo: Paulinas, 2004.
- WIKIPEDIA. Consulta ao verbete Annie Wood Besant. Disponível na Internet via [http://pt.wikipedia.org/wiki/Annie\\_Wood\\_Besant](http://pt.wikipedia.org/wiki/Annie_Wood_Besant). Arquivo consultado em 8 de Abril de 2007.
- WILLIAMS, Michael A. Rethinking Gnosticism: An Argument for Dismantling a Dubious Category. New Jersey: Princenton University Press, 1996.